

Tailor Report

Relatório de Mercado

Semana 12/01 – 16/01



Macroeconomia

No ambiente internacional, a semana foi marcada por um aumento relevante da incerteza institucional e geopolítica, com impactos diretos sobre expectativas de política monetária e comportamento dos ativos. A escalada do embate entre Donald Trump e o presidente do Federal Reserve, Jerome Powell, elevou de forma significativa as preocupações quanto à independência do banco central americano. A ameaça de uma investigação criminal, vista pelo mercado como instrumento de pressão política para forçar cortes de juros mais agressivos, gerou ruído adicional, ainda que dirigentes de grandes bancos centrais — incluindo o BCE, o Banco da Inglaterra e o Banco Central do Brasil — tenham se manifestado publicamente em defesa de Powell e da autonomia do Fed. Apesar desse ambiente mais sensível, os dados econômicos dos EUA reforçaram uma leitura de desaceleração gradual, mas ordenada: o CPI de dezembro confirmou inflação ainda acima da meta, porém sem aceleração inesperada, enquanto o núcleo segue em trajetória mais comportada. Indicadores de atividade e consumo, como vendas no varejo e mercado imobiliário, mostraram resiliência, sustentada sobretudo pelas faixas de renda mais altas, o que mantém o Fed confortável para adotar uma postura de cautela e dependência de dados. No mercado de commodities energéticas, o petróleo continuou pressionado por um quadro de oferta global confortável, ausência de interrupções relevantes e ceticismo em relação a ruídos geopolíticos, como sanções e declarações envolvendo Irã e Venezuela, que não conseguiram sustentar prêmios de risco mais duradouros. Esse conjunto manteve o dólar relativamente pressionado no exterior, com queda dos yields dos Treasuries e menor busca por proteção cambial.

No Brasil, o pano de fundo macro foi relativamente mais construtivo. O câmbio seguiu beneficiado pelo enfraquecimento global do dólar e pela percepção de menor risco externo no curto prazo, permitindo que o real se mantivesse abaixo de R\$ 5,40 e testasse níveis mais próximos de R\$ 5,35 ao longo da semana. Esse movimento foi reforçado pelo anúncio do acordo entre Mercosul e União Europeia, que melhorou marginalmente a percepção de médio prazo sobre comércio e integração econômica, ainda que seus efeitos práticos levem tempo para se materializar. Do lado doméstico, o Boletim Focus trouxe ajustes marginais nas expectativas de inflação, com IPCA projetado dentro do intervalo de tolerância nos próximos anos, enquanto o mercado segue ancorado na perspectiva de início do ciclo de cortes da Selic a partir de março, ainda que de forma gradual. A atividade econômica mostrou sinais de fôlego maior do que o esperado, com o IBC-Br surpreendendo positivamente em novembro, sugerindo um crescimento mais resiliente no fim do ano. No setor de energia, a Petrobras reportou produção acima da meta, reforçando o quadro de oferta robusta e contribuindo para um ambiente de preços mais favorável nos derivados, em linha com a fraqueza do petróleo no mercado internacional. Em síntese, a semana consolidou um contraste claro: enquanto o exterior segue dominado por incertezas políticas e institucionais, o Brasil se beneficia de um cenário externo mais benigno para o câmbio e de fundamentos domésticos que, embora ainda desafiadores, mostram maior estabilidade no curto prazo.

Mercado Sucroenergético

Ao longo da semana, o mercado de açúcar manteve o tom defensivo que já vinha se consolidando desde o final de 2025, com negociações marcadas por baixa liquidez, dificuldade de sustentação de repiques e crescente sensibilidade ao fluxo vendedor. Após semanas operando praticamente no mesmo intervalo, o mercado mostrou sinais mais claros de fragilidade na segunda metade do período, quando o contrato Mar/26 rompeu suportes relevantes e passou a trabalhar abaixo de 15 c/lb, encerrando a semana próximo das mínimas recentes. Esse movimento reforçou a percepção de que boa parte dos fundamentos baixistas já estava incorporada aos preços, mas que, na ausência de qualquer gatilho altista convincente, o mercado permanece vulnerável a novas ondas de venda.

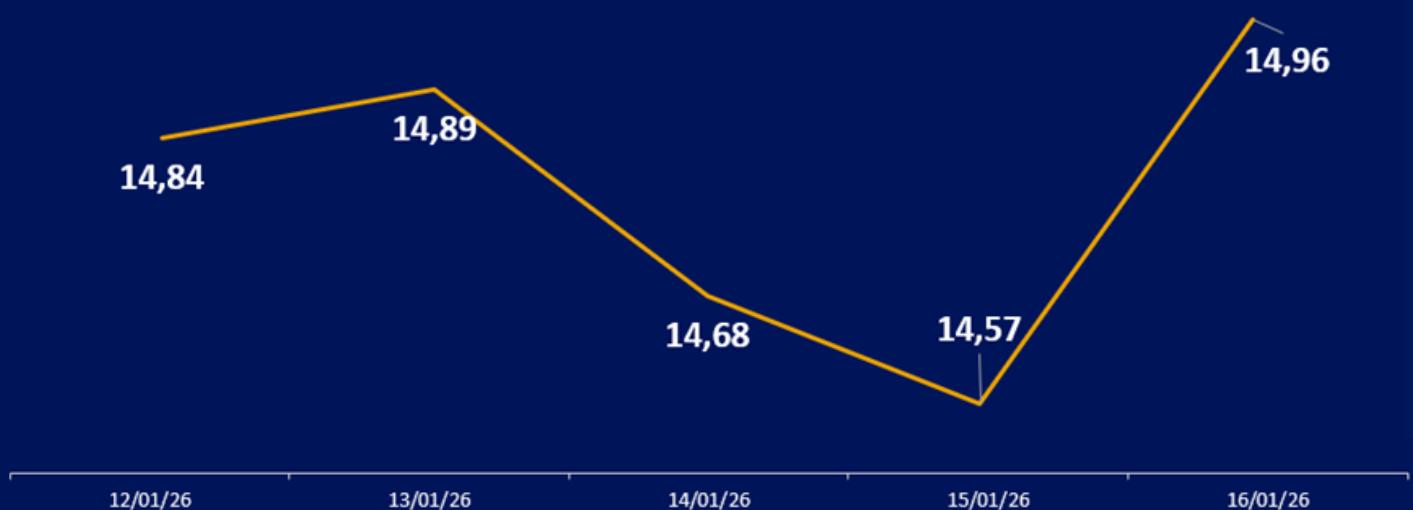
Do ponto de vista fundamental, o principal vetor de pressão continuou vindo do lado da oferta global. A Índia foi novamente protagonista no noticiário, com dados oficiais apontando aceleração significativa da produção, moagem mais intensa e recuperação levemente superior à da safra anterior. Esse quadro reforça a leitura de maior disponibilidade no curto prazo e mantém aberto o debate sobre novas liberações de exportação além do volume já autorizado. Ainda que eventuais exportações adicionais não representem um choque expressivo no balanço global, funcionam como teto psicológico para qualquer tentativa de recuperação mais consistente em Nova York. Na Tailândia, o cenário segue mais delicado, com impactos da doença da "white leaf" e atraso na moagem, resultando em produção abaixo das projeções iniciais. Apesar disso, a perspectiva de um superávit global ainda relevante limita o peso altista desse fator, que, por ora, atua mais como elemento de contenção de quedas mais abruptas do que como catalisador de alta.

No Brasil, os dados da UNICA vieram amplamente dentro do esperado e tiveram impacto marginal sobre os preços.

O encerramento mais rápido da safra no Centro-Sul, favorecido por melhores condições climáticas ao longo da colheita, reduziu o número de usinas em operação, mas não alterou de forma relevante a leitura de oferta já conhecida pelo mercado. O mix mais alcooleiro segue funcionando como amortecedor parcial para a disponibilidade de açúcar, porém o protagonismo recente do etanol — sustentado por estoques mais apertados e preços firmes na entressafra — tem prazo de validade. A discussão começa a migrar para o início da safra 2026/27, especialmente em relação ao timing da retomada da moagem e ao equilíbrio entre preservação de ATR e necessidade de recomposição de estoques de etanol.

Em termos de fluxo e dinâmica de mercado, a semana deixou claro que o problema atual é menos narrativo e mais técnico. Com volumes negociados aumentando e ainda um montante relevante de açúcar a ser fixado pelos produtores nas telas próximas, o mercado segue altamente sensível a qualquer repique técnico, que tende a ser rapidamente utilizado como oportunidade de venda. A posição ainda elevada dos fundos especulativos vendidos não tem sido suficiente para gerar movimentos de short covering sustentáveis, justamente porque a necessidade de hedge e fixação por parte dos comerciais limita a amplitude das correções para cima.

No fechamento da semana, o quadro que se desenha é de um mercado em compasso de espera, mas inclinado para baixo. A combinação de oferta global confortável, sinais claros de produção forte na Índia, ausência de estímulos altistas relevantes e pressão de fluxo mantém o açúcar operando em patamares mais baixos, já compatíveis com o que vem sendo chamado de "novo normal" de preços. A volatilidade segue presente no intradiário, mas, enquanto não houver mudança concreta no balanço global ou no clima do Centro-Sul brasileiro, o mercado tende a continuar respondendo mais ao volume vendedor do que a qualquer tentativa de construção de uma narrativa de recuperação.



Clima & Tempo

Na última semana, o Centro-Sul apresentou um padrão típico de verão, com calor e instabilidades diárias provocando pancadas de chuva isoladas à tarde, o que ajudou a melhorar a umidade do solo em várias áreas. As condições seguem quentes e úmidas, com formação de nuvens convectivas no interior de São Paulo e no sul de Minas Gerais. Nos próximos dias, não são esperadas mudanças relevantes no padrão climático, com manutenção do calor e de chuvas irregulares, concentradas principalmente no período da tarde e noite.

As chuvas desta semana favorecem o desenvolvimento da cana-de-açúcar, especialmente no norte de Mato Grosso do Sul, sul de Goiás e no Triângulo Mineiro, onde a umidade do solo vinha mais irregular. Em regiões como Assis, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, Piracicaba, São Carlos e Araçatuba, o cenário segue marcado pela alternância entre calor e instabilidade típica do verão. O balanço hídrico tende a melhorar nos próximos dias, sobretudo na segunda metade da semana, embora de forma desigual, em função de cenários ainda mais secos em algumas áreas.

Os modelos climáticos divergem de forma significativa: o GFS projeta chuvas acima da média em amplas áreas de Minas Gerais, São Paulo, Goiás e Mato Grosso, enquanto o ECMWF indica um cenário mais seco no sul do Centro-Sul, com déficit preocupante em praticamente todo o Paraná e Mato Grosso do Sul, ao passo que prevê chuvas acima da média no leste de São Paulo, além de Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais.